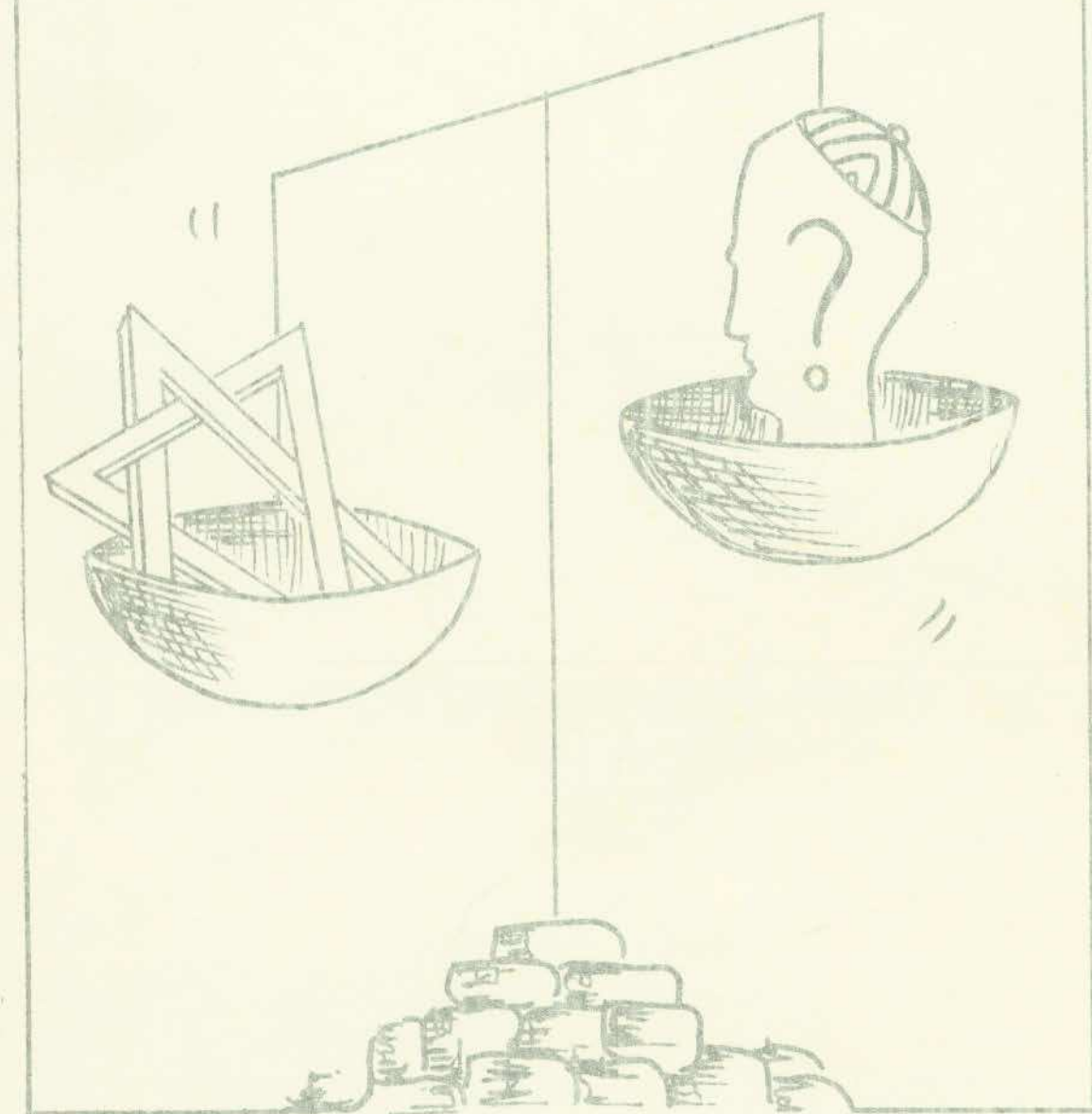


Tom Kippur-5742

NOSSAS PALAVRAS



Certa vez, o Baal Schem parou à porta de uma sinagoga e se negou a entrar. - Não posso entrar, disse- pois se está repleta, de uma parede a outra e do chão ao teto, de orações e ensinamentos, como ainda haveria lugar para mim? Ao ver que as pessoas à sua volta fi-tavam-no de olhos arregalados, sem entender, acrescentou: -As palavras que passam pelos lábios dos que o-ram e ensinam, e não procedem de um coração voltado-para o céu, não sobem às alturas, mas atulham a casa de uma parede à outra e do teto ao chão.

Setembro de 1981, um grupo de jovens, judeus, sionistas, socialistas está reunido. Papo vai, papo vem, até que papo fica. Está mos às vésperas de mais uma maratona pelas pistas da tradição judaica Rosh Hashaná/ Yom Kipur/ Sucót - Revezamento masculino e feminino.

- Vai ser aquela chateação toda de novo, disse um deles.

- " Ah é, é ! " disse o resto em coro.

Se não me engano, foi mais ou menos nesse clima e por es

sas razões, que nosso grupo se formou.

A proposta, que fique bem entendido, não é a de machucar ou derrubar ninguém, muito menos de categorizar ou definir de "A" a "Z" a cultura e tradição judaica. Estamos propondo a livre expressão de opiniões e idéias, a possibilidade, que achamos deve ser dada a todos; de judeus falarem de judaísmo. Fazer nosso destino com nossas próprias mãos, pois achamos que a cultura de um povo só sobrevive com a constante renovação e a busca dos autênticos valores dessa cultura, e quando um dos dois falha, surge a alienação e o fanatismo. Somos con-

tra os dois.

Não somos um grupo de jovens convictos, engajados numa luta que leva a um objetivo geral e final. Estamos cheios de dúvidas. O que ocorre é que algumas palavras nos soam mais suaves, mais honestas. Algumas coisas que temos em textos, livros e no Tanach, nos conquistaram. Pra ser claro, vamos dizer que há um monte de valores e concepções de vida do judaísmo que nós achamos jóia. E isso.

Assim, decidimos fazer uma publicação de textos, escritos por nós, ou aqueles com os quais, emocionados, nos identificamos.

Não sabemos se esta publicação é uma tese ou um desabafo, só não nos agrada essa maratona de rituais e obrigações, todas orfas de valores e cultura.

Agitar o bom andamento das festas questionando nossos atos ? Ora, nada melhor do que fazê-lo no Yom Kipur . . .

SHANA TOVA LEKULAM !

GRUPO "NOSSAS PALAVRAS"

" BONS JUDEUS " CELEBRAM O YOM KIPUR

... Eles depravam o nome de Deus, e talvez este seja o motivo pelo qual muitas pessoas "sadias" abandonam a religião, e voltam-se para Deus ... (Jonathan Geffen, 1973, falando dos ortodoxos em Israel).

... Um "bom judeu", cumpridor de seus deveres, saiu de casa para festejar e rezar o Yom Kipur, no sábado às 10 hrs da manhã (cada bom judeu decide seu bom horário). Deu uma bronca na shikse, pois apesar de ser Yom Kipur, ela é shvartse, e saiu no seu carro rumo à sinagoga.

Chegando na sinagoga, cumprimentou a todos, falando/uma língua judaica, mas proibida para menores de 21 anos; vestiu seu " talit Pieere Cardim " e abriu um livro com as cotações da bolsa, que tinha na capa as inscrições em hebraico: " Sidur Tfilót - Yom Kipur"...

No último sábado, dia 20 as ruas das sinagogas estavam cheias de carros (último tipo, luxo), pois os bons judeus não se permitem a andar de carro num dia " kadosh ", principalmente depois de estacioná-lo o mais perto possível da sinagoga, em fila tripla.

Foi excitante ver como as roupas contrastavam com a kipá, que é o símbolo da humildade, e talvez por isso as mulheres tenham tido uma boa oportunidade de desfilarem a última moda, pois elas não usam a "kipá".

Alguns jovens, acharam ridículo o comportamento dos adultos, sem perceber que muitos destes adultos, eram da sua idade e deveriam ser jovens.

As mesmas pessoas que vivem reclamando da inflação, gasolina, eleições, violência, etc, que condenam a passividade do povo e que dizem "não podemos consentir", declaravam em coro a palavra "Amém" em resposta a palavras cantadas, que a maioria não sabia o que quer dizer.

Quantas pessoas das que disseram "haguite iuer" (vulgo shaná tová) farão algo para que isso realmente aconteça ?

O importante é ser bondoso e bem educado no dia de Yom Kipur pelo menos até a hora do perdão, depois "TUDO BEM NO ANO QUE VEM".

A palavra Kipur, em hebraico, não quer dizer perdão e sim REGENERAÇÃO, e segundo a lei de nosso povo, Deus não perdoa, quem perdoa são as pessoas feridas, se os "feridores" fizerem por merecer, e me parece que 24 horas de "bondade" é um preço muito baixo, para quem esteve, a todo custo "em busca do ouro" nas outras 8.736 horas do ano.

Tem muita gente, talvez não muita, mas é suficiente, que sentiu o que sentí. Que sentiu aquela pontinha de vergonha, aquela revolta e aquela enorme vontade de gritar bem alto: Sim, sou judeu por favor, não me julgue por eles. Mas o grito fica na vontade, um nó na garganta, pois não nos libertamos do "não fica bem" dos nossos antepassados.

Eram 19:15 hrs, o Yom Kipur terminou. As pessoas se empurram na porta da Sinagoga, com pressa de sair pra mais um ano de pecados. Ao meu lado, uma cena que resume tudo: um "bom judeu" pisa no pé do outro "bom judeu" bem no calo !

- Seu "shmok", tá pensando que ainda é "iontef" ? ...

O RABINO QUE PROMETEU ESPERAR

Um jovem chassid foi convidado na véspera do shabat para ceiar na casa do rabino. Uma honra inconparável. À mesa, o rabino. Um velhinho. Branco. Toalha branca, as velas também elas brancas. Tudo estava pronto para a ceia do Shabat.

- Um momento, caro chassid. Nós estamos aqui mas os cavalos estão lá fóra. Deixastes para eles forragem? Saia. Eu esperarei. Saia e dê - lhes de comer. A fome deve ser grande e certamente eles estão se congelando com o frio.

- Voltarei já, rabino, voltarei já!

- Não se preocupe, eu espero. Eu prometo esperar.

E o jovem saiu para fora na escuridão, para deixar a forragem para seus cavalos, quando repentinamente é levado à força.

- Onde estão os cavalos ? Há somente uma hora ... Onde estão os cavalos ? O que é isso ?

Fora raptado para servir por 40 anos ao exército do czar. Para o jovem, os primeiros dias foram difíceis. E atrás deles as semanas e os meses. Um ano. Shabat ? Quem guarda o shabat no exército do czar ? Também não se reza. E de casa ? Nem uma palavra. Somente na memória / com todos os detalhes e imagens: Uma toalha branca. Velas brancas. Um velhinho branco, de mãos brancas, finas e compridas. Olhos azuis muito profundos. O rabino prometeu esperar.

Cinco anos. Dez anos. KASHER ? Quem ainda se lembra o que é ? KASHER no exército do Czar ? Na Sibéria que dêem porco, somente que dêem algo para comer.

A maioria das preces já foram esquecidas. Mas de vez em quando a lembrança. O rabino. Quanto tempo esperou ? O que pensou ?

O que pensou o rabino sobre o convidado que saiu e não voltou ? Vinte anos. Vinte anos no exército do Czar. O tempo passou tão depressa. E o tempo passa tão devagar no exército do Czar.

SHMÁ ... Como era mesmo ? Antes de dormir ?

SHMÁ . . .SS...RA...EL...I

E por trás da turvação desfocadamente a idéia: algo branco ...

Um velho ? Algo branco ...

Trinta anos como soldado russo. Góí. Um completo Góí Judeu ? O que é judeu ? Um judeu vale apenas uma coisa : Parcadás !

Mas de muito tempo, nos sonhos, tremeluzente, algo / familiar, com velas brancas, vela branca, assim tremeluzente pequena. Últimas agitações e se apaga. Também isto já foi esquecido. Passou / trinta anos no exército do Czar.

E naquela noite, uma noite de inverno chuvosa, fria, perdeu-se na floresta. Em algum lugar da floresta um velho soldado russo. Neve, tempestade, escuridão. Não há caminhos. Uivos de lobos, Lobos. E de repente, latidos de cães. Uma pequena aldeia. Realmente pequena que frio. Uma velha casa ... luzes ... fogo ... estamos salvos. O que é isto ? Uma toalha branca ? Velas ? à mesa um homem. Velhinho. branco, um RABINO sorrindo.

- Demorastes um pouco filho. E os cavalos ? Deixastes forragem para eles ? Nós estamos aqui, mas lá fora eles estão se congelando de frio.

¶
Voce que chegou ao fim da leitura deste folheto, talvez tenha achado que foi muito bom, talvez não tenha entendido o que quisemos dizer, talvez só esteja lendo a parte final porque não teve paciência para ler o resto ou quem sabe, ficou louco da vida, realmente furioso, com o que escrevemos aqui.

Não somos nenhuns "Tsadikim" e usando o velho aforismo do "telhado de vidro" temos um bem grande; tanto quanto pode todo mundo. Nós apenas resolvemos atirar pedras em todos eles e ver se construímos (ou pelo menos começamos a construir) "telhados" um pouco mais sólidos.

Quantas pessoas morreram de fome hoje, neste dia de perdão e auto exame ? Serão que todos sabem que para uma grande parte das pessoas do mundo o "jejum" é uma constante ?

E eu com isso ? Alguém pergunta. O "eu com isso" deriva da nossa responsabilidade direta ou indireta por este estado de coisas.

A consciência desta responsabilidade é muito antiga no nosso povo, ela vem desde Abraham Avinu e sêgue adiante pelos profetas, rabinos e revolucionários judeus de hoje. Como é belo se ouvir de um Isaías (58,6-7) : "Por ventura não é este o jejum que escolhi, que soltes as ligaduras da impiedade, desfaças as ataduras da servidão, deixes livres os oprimidos e despedaces todo jugo ?; Por ventura não é também que repartas o teu pão com o faminto, e recolhas em casa os pobres desabrigados e se vires o nũ, o cubras, e não te escondas do teu semelhante." Mas é igualmente triste saber que cerca de dois mil e quinhentos anos depois, as coisas continuam mais ou menos iguais.

Esta idéia no nosso povo se cristalizou na forma da "tsedakã". Para alguns (talvez a maioria) , a "tsedakã" é apenas aquela latinha onde se coloca moedas, tomando cuidado, é claro, com a nova / moeda de Cr\$ 50,00, mas na realidade "tsedakã" é um complexo mecanismo de reparação e de promoção da mais completa e plena justiça social aplicada tanto ao judeu quanto ao não judeu necessitado. Aliás, amar e respeitar o estrangeiro segundo a Torã é um dever: "Se o estrangeiro peregrinar na vossa Terra, não o oprimireis. Como natural será entre vós o estrangeiro que peregrina convosco; amã-lo-eis como a vós mesmo, pois estrangeiros fostes na terra do Egito; Eu Sou o Senhor vósso Deus" (Levítico, 20:33,34).

No entanto nossos ancestrais viviam numa sociedade agrária e pastoril e a forma de aplicação destas leis respeitava as exigências da época. Hoje vivemos numa sociedade bem diferente, numa sociedade capitalista que se baseia na exploração do homem pelo homem e que torna a colocação de moedas em latinhas um meio ineficaz de promoção da justiça social. É preciso ir mais além. É preciso que os judeus como manda o Judaísmo, lutem, possuindo como princípio básico, a promoção da justiça social e da igualdade para a humanidade (sem distinções) e para os judeus em particular.

Pensando desta maneira será que poderíamos afirmar que as ações dos judeus correspondem aos nossos princípios judaicos ? Sem dúvida não. Os "judeus", nos parece muito distante destes princípios e nos dão orgulho e sob os quais procuramos reger nossas vidas.

Esta própria questão da identidade judaica, é muito recente. Teve seu início na "Hascalã" (Iluminismo).

Antes disso o judeu vivia num estado de comunidade (Gemennshalff) onde ele sabia exatamente o seu papel; isto é, o que ele deveria fazer e o que os não judeus esperavam dele. Dentro da comunidade de tudo era regulado pelos princípios e pelas leis judaicas; desde os tribunais rabínicos, o cheder, a comida Kasher, as vestimentas diferentes e um idioma diferenciado.

Com a emancipação, passamos a integrar as sociedades européias; eclipsando com isto as nossas características nacionais e provocando o surgimento de nosso problema de identidade, ou seja, a

questão do: que é ser judeu se nós não cumprimos o nosso papel como seres judaicos.

Na realidade a luta do judeu deve ser uma luta social e nacional que não são opostas mas sim complementares.

Quanto à luta nacional não poderíamos deixar de destacar a recente formação do Estado de Israel que na realidade deveria ser o centro irradiador de um judaísmo construtivo e progressista. Embora, face aos atuais acontecimentos este objetivo pareça estar mais longe ca be a nós como homens judeus lutarmos para que esse objetivo se concreti ze.

Se neste Yom Kipur cada um se conscientiza-se de seu papel, como homem e como judeu, na promoção de um mundo melhor, haveria nas sínagogas menos espaços para orações vazias e mais espaço para ações efetivas.

No ZOHAR é dito que o primeiro degrau para se chegar a Deus é a oração. O seguinte é o canto; mais alto ainda, o grito; e o mais alto de todos, é a lembrança desse grito - esis este folheto.

À

A fim de fortalecer o espírito judaico, as pessoas fre quentemente recorrem a observações sobre o trágico destino que acompa - nhou a existência do povo judeu. Eu aprendi ~~entretanto~~, que a única coisa que fortalece o espírito judaico é o entendimento mais um sentido de identidade. Ser, é mais importante que lembrar. Acredito que a lembrança das tragédias judaicas, cuidadosamente invocada pela comunidade ju - daica contra seus adversários tem sido inútil para superar a paralisia e o pânico que a envolveram. Aquêles que foram bem sucedidos em fazer isso em recentes anos foram impelidos, e são impelidos por uma clara / noção da sua identidade judaica. Somente o sionismo é capaz de fornecer esta identidade com um movimento, uma dinâmica e uma política.

No dia do meu julgamento, a primeira pergunta do pre - sidente das Côrtes. "O senhor é judeu?"; resposta: "Sim, Sr Presiden te".

Um mundo de côrtes. E um mundo de acusados. Côrtes cĩ vis, militares, religiosas - tudo é julgado, foi julgado e será julga - do. E sempre, através da história e do presente, eu estive entre os acusados. Eu nunca julguei ninguém, e nunca o farei. Naquele dia, em

setembro de 1977, quantos de nós no mundo inteiro, estavam sentados no banco dos réus? Quantos foram julgados pelo que fizeram? Quantos foram julgados por terem nascido? A guerra contra o nazismo havia terminado trinta e dois anos e quatro meses atrás, os criminosos nazistas foram julgados e sentenciados, o anti-semitismo foi bem definido, concretizado, cicatrizado e curado. E ainda, após esses mesmos trinta e dois anos e quatro meses, na cidade de Buenos Aires, eu continuava a ser um cidadão sob total suspeita, provado haver nascido no lado errado, no lado absurdo da humanidade. Em diferentes países, em diferentes situações, em repetidos países e repetidamente, com acusações cumulativas e repetitivas, sempre voltando ao mesmo lugar, inaceitável porque intolerável: Eu nasci judeu.

Eu não nasci sionista, a acusação que habitualmente a companha a suspeição inicial do nascimento de alguém:

Eu também não nasci um dissidente, uma derivação aparentemente inevitável do nascimento.

Nem nasci um jovem esquerdista, um defensor de prisões, um ativista em organizações de defesa dos direitos humanos.

Todas essas são as consequências biológicas do pecado original: o nascimento de um indivíduo nascido judeu.

Na Argentina, quando eu ouvi dois jovens do movimento juvenil do qual eu participava, eu percebi que estava destinado ao mundo que eu nunca abandonaria e nunca tentei abandonar, um mundo que às vezes tomava a forma do Sionismo, às vezes a da luta pelos direitos humanos, às vezes a da luta pela liberdade de expressão e, outras vezes novamente a da solidariedade com dissidentes contra todos os totalitarismos. E era este mundo, único na sua beleza e martírio, a mitologia de dor e memória, aquela visão cósmica imbuída de nostalgia e de futuro, aquela "yiddische mame" cheia de esperança, resignação e magia... era todo esse mundo que o presidente o Tribunal Militar queria entender.

Ele queria que eu confessasse. Transformar toda essa missão de amor e destino, identidade e futuro em uma confissão.

É assustador ser descoberto, naquelas longas sessões de tortura nas prisões militares da Argentina, que aquilo que parecia impensável, é pensado; que as palavras que pareciam impossíveis de serem repetidas, são repetidas; e que os silêncios que eram incompreensíveis, a passividade ou a indiferença estão agora explicadas e justificadas.

E isso me assusta. Que, em um dado momento, nós judeus

nos tornamos apenas judeus novamente, sōmente judeus. Que um judeu ē sō mente isso - um judeu. E Que os outros nō sō judeus. E realmente, nō sō.

Nōs nō ēramos todos judeus naquelas prisōes. Muitos / de nōs ēramos. Nōs judeus continuamos a ser judeus, e ser judeu era uma categoria de culpa, mesmo que nōs fossemos inocentes de outras injūrias e absolvidos de outros crimes.

Nas prisōes clandestinas, e depois nas prisōes oficiais da Argentina, na minha pele, na minha cabeęa, nos meus ossos: Nōs judeus ocupamos o mesmo lugar na histōria. Nōs temos esse lugar reservado.

Alguns dos militares sentiam que podiam me entender co mo um indivīduo religioso ou um sionista religioso. Quando eu os informei, porē, que eu nō era um judeu religioso mas que eu era um judeu de um ponto de vista polītico e tambē um sionista polītico, eles senti ram uma espēcie de terror ante o desconhecido. Novamente, uma vez mais o judeu ē um homem sob suspeita total.

Meu judaísmo era um ato polītico. Mas o judaísmo como um ato polītico provou-se impossīvel de se fazer entender; eles nō podiam aceitar ou compreender que um patriota argentino pudesse ser sīmul taneamente um judeu patriota, um sionista de esquerda, um editor de livros de psicologia, um defensor de Salvador Allende, de dissidentes soviēticos e de prisioneiros polīticos nas prisōes cubanas. O seu mundo era mais simples.

Do livro: "Prisoner Without a Name,
Cell Without a number"

Jacobo Timmerman.